Ampliando a análise da produção científica em administração: o indutivo *versus* o dedutivo

Humberto Elias Garcia Lopes*
Patrícia Bernardes**

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo contribuir para uma ampliação das discussões acerca da produção científica em Administração. Mais especificamente, a proposta aqui é a da inclusão de um outro critério de análise, que se somaria aos demais: a contraposição entre o método indutivo e o dedutivo. Para isso, é feita primeiramente uma revisão da literatura sobre epistemologia e método aplicados à Administração. Em seguida, o artigo centra-se na pesquisa realizada no Centro de Pós-graduação e Pesquisas em Administração (Cepead). Uma amostra de 31 dissertações defendidas entre 1995 e 1999 foi analisada, possibilitando classificar estes trabalhos em três categorias: indutivos, dedutivos e ambíguos. Os resultados obtidos permitem concluir que as dissertações do Cepead consideradas na pesquisa são predominantemente indutivas, principalmente aquelas pertencentes à linha de pesquisa de Organização e Recursos Humanos. Na linha de Mercadologia e Administração Estratégica, verificou-se a predominância da ambigüidade, ou seja, da utilização tanto da indução como da dedução. Com base nestes resultados, o artigo conclui que, entre as dissertações analisadas, há uma forte presença do paradigma positivista e de uma visível fragmentação metodológica, evidenciada pelo caráter ambíguo de muitos dos trabalhos analisados.

Palavras-chave: Paradigmas; Indução; Dedução; Ambigüidade; Qualidade.

Nos últimos anos, o desenvolvimento e a consolidação da Administração como uma área de conhecimento com características próprias têm levado a saudáveis reflexões sobre a qualidade da produção científica no campo. De um modo geral, elas se di-

videm em duas linhas: as das discussões centradas nos aspectos epistemológicos e as daquelas cuja ênfase recai sobre a adoção de critérios de qualidade e consistência da produção em Administração.

Ainda que centrem suas atenções em diferentes aspectos, as reflexões têm em

* Cepead/UFMG. Faculdade Batista de Minas Gerais.

** Cepead/UFMG. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

comum a constatação de que a Administração hoje é formada por trabalhos significativamente fragmentados, no sentido de que modelos e abordagens, muitas vezes mutuamente excludentes, são utilizados ao mesmo tempo, como se formassem um corpo teórico homogêneo. Por sua vez, isto torna bastante complicada a consolidação de uma área que ainda luta para atingir o mesmo *status* científico atribuído à Sociologia, à Psicologia, à Ciência Política, entre outras.

É verdade que essa fragmentação da Administração pode ser causada pela inegável dificuldade de desenvolver uma produção científica sustentada por modelos e abordagens “puras”, ou seja, por “tipos ideais”. Porém, isso não significa que se deva abrir mão da busca por predições e leis gerais acerca dos processos sociais, entre os quais se incluem os fenômenos organizacionais. Em outras palavras, a Administração não tem licença para praticar uma ciência caleidoscópica e mal costurada. Entretanto, é preciso reconhecer que a dificuldade existe e que ela demanda a adoção de outros critérios para a avaliação da qualidade e da consistência dos trabalhos desenvolvidos na área.

Este artigo tem por objetivo contribuir para uma ampliação das discussões acerca da produção científica em Administração. Mais especificamente, a proposta aqui é a da inclusão de um outro critério de análise, que se somaria aos demais: a contraposição entre o método indutivo e o dedutivo. Para isso, é feita primeiramente uma revisão da literatura sobre epistemologia e método aplicados à Administração. Em seguida, o artigo cen-

tra-se na pesquisa realizada no Centro de Pós-graduação e Pesquisas em Administração (Cepead). Uma amostra de 31 dissertações defendidas entre 1995 e 1999 foi analisada, possibilitando classificar este trabalhos em três categorias: indutivos, dedutivos e ambíguos. Por fim, após analisados os resultados obtidos na pesquisa, são apresentadas as conclusões do artigo.

DIMENSÕES EPISTEMOLÓGICAS

A epistemologia é a história da ciência. Como a ciência é regulada pela busca da verdade, os paradigmas cumprem a função de estabelecer condições de objetividade ao conhecimento científico, em direção à verdade. O termo vem do grego, *paradeigma* que significa modelo ou exemplo. Algo que, pelo seu exemplo, deve ser seguido, servindo de guia ou modelo. Para alguns autores, o conceito de paradigma vai além de um modelo e se aproxima mais de um grande guarda-chuva que abarca diversas teorias.

O entanto, é importante salientar que a definição de paradigma não é trivial. Conforme Masterman (Burrell, 1999, p. 446), Kuhn (1962), utiliza o termo paradigma de 20 formas diferentes, que vão desde método e modelo até *matriz disciplinadora*.

Os quatro paradigmas clássicos do conhecimento são o positivismo funcionalista, a dialética materialista, a hermenêutica e o estruturalismo. Cada um destes paradigmas obteve mais sucesso em uma área específica. O positivismo foi muito bem sucedido na sociologia, pro-

vavelmente pela enorme influência de Durkheim. A dialética ganhou muito espaço na economia, devido ao trabalho de Marx. A hermenêutica se encaixou muito bem na história e o estruturalismo, na lingüística, antropologia e psicanálise.

A IMPORTÂNCIA DO TEMA

O estudo sobre pesquisa, especificamente sobre pesquisa em Administração, é bastante pertinente. A relevância da discussão sobre referências epistemológicas e a posição teórico-metodológica adotada em uma pesquisa pode ser constatada pela importância que grandes pesquisadores, estrangeiros e nacionais, dão ao tema com a produção de inúmeros artigos sobre o assunto.

Estes estudos são fundamentais para os resultados e para a credibilidade da pesquisa. Há consenso sobre a necessidade de utilização rigorosa do método na pesquisa, embora haja divergência sobre a utilização de um ou mais paradigmas. Também os debates sobre qual a melhor abordagem, se quantitativa ou qualitativa, permanecem efervescentes, apesar de estar havendo um maior diálogo entre estas duas correntes de pensamento metodológico desde os anos 70.

Burrell e Morgan (1979) apresentaram quatro paradigmas que norteiam até hoje os estudos das ciências sociais e, especificamente, os estudos das teorias organizacionais: *humanismo radical*, *estruturalismo radical*, *sociologia interpretativa* e *sociologia funcionalista*. Na figura onde estão representados os paradigmas, o lado esquerdo foi classificado como subjeti-

vo, e o direito, como objetivo. No lado subjetivo estão o *humanismo radical* e *sociologia interpretativa*; no lado objetivo, o *estruturalismo radical* e a *sociologia funcionalista*.

O *humanismo radical* é representado pelo existencialismo francês, pelo anarquismo e pela teoria crítica. A *sociologia interpretativa*, por Weber e seus seguidores. O *estruturalismo radical* por Marx e alguns de seus seguidores e, finalmente, a *sociologia funcionalista*, representada pelo positivismo.

A publicação do livro de Burrell e Morgan (1979) representou um marco para os estudos organizacionais e suscitou um debate acirrado entre os estudiosos, de apoio ou contestação. Dentre os críticos mais duros, podemos citar Clegg (1982) e Donaldson (1985). O primeiro criticou a postura dos autores que, segundo ele, pretendiam-se *inovadores*, mas que apresentaram uma abordagem funcionalista, representada por uma matriz engessada, 2 x 2. Já Donaldson (1985), criticou o argumento de Burrell e Morgan sobre a suposta crise do funcionalismo estrutural. Por sua vez, Reed (1985) não concordou com os principais argumentos do livro e defendeu a posição de que quanto mais paradigmas, melhor.

Especificamente em relação à utilização dos paradigmas na teoria das organizações, o trabalho de Clegg e Hardy (1996) promove uma reflexão instigante sobre a importância ou não da conversação entre paradigmas. Para estes autores, o consenso pode significar a perda de crescimento e criatividade pelo domínio e imposição de um grupo. Segundo Clegg e Hardy, a questão das conversa-

ções entre paradigmas não é uma questão relativa a epistemologia, mas de relações de poder em todos os âmbitos: família, empresa, religião, política e até na guerra.

Burrell (1999), fazendo suas as palavras de Pfeffer (1993), afirma que a teoria da organização não tem espaço na academia porque é fragmentada, seu *explanans* é deficiente e o *explanandum* é móvel. Para o autor, “paradigmas, metáforas, discursos e genealogias são todos lesões entalhadas no corpo da vida organizacional. Análises de quase todo tipo requerem a morte ou, ao menos, a mutilação, daquilo que é analisado”. (Burrell, 1999, p. 443)

No nosso entendimento, a discussão sobre a utilização de um ou mais paradigmas epistemológicos em uma pesquisa, ou de uma mesma categoria, por diferentes paradigmas, deve ser fundamentada pela compreensão que o pesquisador possui dos paradigmas que ele coloca em conversação e das categorias utilizadas na pesquisa. A conversação não significa, necessariamente, o consenso e a submissão dos dominados pelos dominantes.

Além disso, nem sempre o conflito é explicitado. O receio de que, a corrente mais forte tenha um domínio ainda maior com as conversações não é, na nossa opinião, muito claro. O conflito sempre vai existir, às vezes evidente, outras, latente. O domínio nunca é totalmente absoluto, se o fosse, o Império Romano, ou a posição hegemônica da Inglaterra não teria sido desbancada no decorrer do século XX.

Em relação ao mercado isto também

é visível. A substituição do relógio mecânico pelo digital e a perda do mercado suíço a partir do final do anos 60, confirmam que a extrema crença no poder e/ou no controle do mercado – os suíços não se interessaram em patentear a idéia do relógio digital, que foi aproveitado pelos japoneses – leva à bancarrota. Outro exemplo mais recente é o caso da Motorola – líder quase absoluta no mercado de celulares analógicos – e da Nokia, que com os celulares digitais desbancou a antiga líder. No Brasil de poucas décadas atrás, a TV Tupi – líder de audiência nacional – fez um investimento muito grande em transmissão via microondas que virou *pó* devido ao desenvolvimento da transmissão via satélites. Muitas vezes é difícil para uma empresa líder perceber que um novo paradigma tecnológico está surgindo devido aos investimentos acumulados em pesquisas dentro do paradigma em vigor. Um novo paradigma pode significar reinício e o nivelamento das posições.

A liderança muitas vezes sai dos interstícios e não da rotina e do linear. As conversações, isto é, as inter-relações regionais, culturais e de interpretação somam mais ganhos do que perdas. A afirmativa de Burrell (1999, p. 445), sobre conceitos, ilustra bem esta questão de utilizar ou não mais de um paradigma. Segundo tal autor, todo conceito exclui, tanto quanto inclui; desconsidera, como enfatiza. As conversações e interfaces entre paradigmas estão limitadas pelos conceitos que cada paradigma encerra. Aliás, a posição do Burrell mais maduro é a posição de conversações, diferentemente da sua posição de 1979, quando a

opção por um paradigma representava a exclusão dos outros três apresentados. Burrell (1999) entende as conversações como algo limitado e critica a posição de Morgan, seu par de 1979, que no livro **Imagens das organizações** (1983) sugere inúmeras parábolas para explicar os Estudos Organizacionais, e dentre elas, a parábola do *supermercado*, onde tudo está disponível.

Fazer pesquisas não pode ser confundido com simplesmente fazer indagações. Diferentemente, a pesquisa requer rigor e envolve escolhas epistemológicas, teóricas e metodológicas. Para Stablein (1996), a realização dos estudos organizacionais requer definição do propósito, ou propósitos da pesquisa; escolha dos dados que serão utilizados em seu desenvolvimento; definição do público que se pretende atingir. Especificamente em relação aos dados, o autor explicita que eles ligam o propósito ao público-fim. Os dados são representações e como representações eles assumem o papel de realidades das organizações.

No entanto, é importante lembrar que a escolha do(s) propósito(s), dos dados, do público, da metodologia de análise e da teoria que valida os resultados é uma questão ontológica. Os dados, por si só, não significam muito, pois o próprio processo de sua escolha, além, é claro, da análise, pode representar grandes distorções. Os dados têm que ser validados pela teoria. Dados e ferramentas não são nada sem a teoria. Os métodos de pesquisa são formas distintas de estudar um assunto. Cada método tem suas qualidades e limitações, no entanto, muitas vezes o assunto indica o método.

Além dos pesquisadores citados anteriormente e que têm contribuído para a evolução dos estudos organizacionais, envolvendo-se em estudar e debater sobre paradigmas, teorias e abordagens metodológicas; no âmbito interno, é importante destacar Rodrigues e Sá (1984), Godoy, (1995a, 1995b), Bertero (1998) e, finalmente, Carrieri e Luz (1998).

Conforme Rodrigues e Sá (1984), até os anos 60, os estudos sobre organizações supunham que a burocracia encerrava todas as características do *tipo ideal* weberiano. A pretensão universalista para a teoria das organizações (busca de características homogêneas) foi questionada pelo *grupo de Aston*. Tal grupo, liderado por Pugh pesquisou as relações entre contexto (tamanho e dependência) e estrutura organizacional (centralização, formalização e especialização). Embora questionando o universalismo, eles continuaram universalistas em suas posições.

Esta posição persiste em alguns seguidores do grupo que entendem que a organização burocrática moderna é caracterizada pela hierarquia bem definida de autoridade, divisão do trabalho com base na especialização e regras e procedimentos formais, pautados pela competência. Rodrigues e Sá (1984), utilizam a metodologia aplicada por Aston, mas dão uma ênfase maior na perspectiva cultural (as organizações vistas como reflexos das características institucionais) e concluem que a organização burocrática moderna é, às vezes, marcada pelo autoritarismo, relacionamento interpessoal e *status* social, ao invés da divisão do trabalho com base na competência.

Já Godoy (1995), na discussão sobre

abordagens metodológicas da pesquisa, afirma que o objetivo de ambas abordagens, quantitativas e qualitativas é descobrir novas informações e/ou as relações entre os fatos e dados, embora o caminho seguido, nesta busca, possua desenhos diferentes. No estudo quantitativo, a objetividade e precisão dos dados são associados à imparcialidade segurança nas inferências. Na pesquisa qualitativa, diferentemente, a perspectiva dos sujeitos é evidenciada.

Finalmente, é importante ratificar o que já foi indicado anteriormente, ou seja, que a partir do tema ou assunto que se pretende estudar, o pesquisador faz a opção por um ou mais paradigmas que estarão em conversação na pesquisa. A etapa seguinte é o detalhamento da trajetória teórica, do método científico, do problema especificamente, e finalmente a formulação das hipóteses que visam resolver o problema.

AMPLIANDO O ESCOPO DA ANÁLISE: INDUÇÃO *VERSUS* DEDUÇÃO

Atualmente se verifica uma grande preocupação dos pesquisadores da Administração em discutir o atual estágio de desenvolvimento da área. Via de regra, as discussões se centram nos aspectos epistemológicos (Burrell e Morgan, 1979; Reed, 1998; Alvesson & Deetz, 1998; Burrell, 1998; Cabral, 1998) ou em questões mais relacionadas à adoção de critérios que meçam a qualidade e a consistência da produção científica em Administração. (Rodrigues, 1998; Bertero, Caldas & Wood Jr., 1999)

Apesar dos diferentes focos, todos estes trabalhos têm em comum a constatação de que a Administração é marcada por uma produção bastante fragmentada, na qual distintos paradigmas são utilizados ao mesmo tempo, formando uma espécie de “grande colagem” de idéias e abordagens. No caso brasileiro, isto é notado de maneira significativa, fazendo com que alguns autores considerem a produção nacional em Administração epistemologicamente falha, metodologicamente deficiente, sem originalidade e adequada, em grande escala, de um mimetismo mal informado. (Bertero, Caldas & Wood Jr., 1999, p. 148)

Todavia, é possível que tal fragmentação seja fruto da própria dificuldade de se trabalhar com “tipos ideais” nos estudos organizacionais, ou seja, com modelos puros e mutuamente excludentes. Isto fica patente quando se considera uma abordagem como a da escolha estratégica, que tem como um de seus pressupostos a conexão de diferentes pontos de vista:

A visão adotada neste artigo é a de que, enquanto diferentes perspectivas teóricas ou paradigmas podem ser irreconciliáveis em seus termos filosóficos próprios, ao serem aplicados ao estudo dos fenômenos organizacionais eles não são necessariamente incomensuráveis. Em outras palavras, a presença de diferentes significados para o mesmo conceito ou de diferentes interpretações para a natureza dos relacionamentos organizacionais não implica que a referência está sendo feita a fenômenos completamente diferentes. (...) Uma contribuição contemporânea da análise da escolha estratégica deriva de seu potencial de integrar algumas das diferentes perspectivas nos estudos organizacionais. (Child, 1997, p. 44)

Dada essa dificuldade, surge uma questão: se a utilização de diversos paradigmas é possível até mesmo em abordagens mais consistentes; então como é possível classificar a produção científica em Administração quanto à sua qualidade? Afinal, boa parte dos julgamentos tem sido feita sob a perspectiva da consistência epistemológica e da coerência na utilização de modelos. Dita de outra forma, a pergunta a ser respondida é se alguns dos critérios que têm sido utilizados ultimamente na análise dos trabalhos, no campo da Administração, são de fato válidos.

A posição aqui assumida é a de que os estudos que procuram analisar a produção científica em Administração com base na epistemologia e nos paradigmas é extremamente válida e importante para o próprio desenvolvimento e consolidação do campo, já que as ciências sociais e, por conseguinte, a Administração, estão em permanente crise de paradigmas, devido às discordâncias existentes. No entanto, isto não significa que se deva partir para um relativismo radical, onde todas as abordagens são válidas e consistentes entre si. Apesar da crise, a possibilidade de conhecimento racional permanece, bem como a construção de leis gerais de processos sociais e a busca por predições relativamente acertadas (Alexander, 1997). Em outras palavras, as dificuldades encontradas hoje na área de Administração, quanto à questão da consistência dos paradigmas utilizados, não dá aos pesquisadores uma licença para produzir uma ciência caleidoscópica e mal costurada. Daí a importância dos debates sobre a epistemologia e os mo-

delos, pois eles trazem à tona temas fundamentais para o desenvolvimento e a consolidação da Administração como ciência.

Todavia, é razoável assumir que classificar a produção científica na área com base em critérios focados na questão epistemológica e dos paradigmas pode ser insuficiente. Outras medidas são necessárias para que se tenha uma descrição mais abrangente e completa, o que já vem sendo feito por vários pesquisadores, inclusive no Brasil, como atestam os trabalhos de Rodrigues (1999) e de Bertero, Caldas & Wood Jr. (1999).

Isto posto, a proposta deste artigo é incluir mais um critério na avaliação da produção científica da área de Administração: a utilização da indução ou da dedução. Quando vistas como método, elas se tornam importantes tanto porque podem contribuir para a geração de idéias, como porque se transformam naquilo que Bruyne (1977) denomina “processos discursivos”, ou seja, em modos de raciocínio que permitem guiar a pesquisa e expor rigorosamente seus resultados.

Não se pretende aqui fazer uma discussão detalhada das distinções entre indução e dedução, razão pela qual as mesmas são sintetizadas na Tab. 1, elaborada a partir de Salmon (1971) e Lakatos e Marconi (1991).

É preciso ressaltar que a posição adotada, neste artigo, é a de que a dedução é o método mais adequado para a ciência, ainda que, conforme afirmado por Hempel (1991), a investigação científica seja indutiva em um sentido mais amplo, na medida que aceita hipóteses baseadas em dados que não fornecem para ela evi-

Tabela 1
Distinções entre indução e dedução

Indução	Dedução
Se todas as premissas são verdadeiras, a conclusão é provavelmente verdadeira, mas não necessariamente verdadeira	Se todas as premissas são verdadeiras, a conclusão deve ser verdadeira
A conclusão encerra informação que não estava, nem implicitamente, nas premissas	Toda a informação ou conteúdo fatural da conclusão já estava, pelo menos implicitamente, nas premissas
Parte do específico para o geral	Parte do geral para o específico

dências dedutivamente conclusivas, conferindo-lhe apenas um “suporte indutivo” ou uma confirmação mais ou menos forte. Em outras palavras, o que se defende aqui é a idéia de que a indução é aceitável, desde que esteja limitada a um método para geração de hipóteses e perguntas para a pesquisa, nos termos explicitados por Bruyne (1977). O tipo de argumentação de Hempel já havia sido restringido por Popper (1961, 1975), que apresenta de maneira bastante forte as deficiências da indução para a produção científica. Estas têm sua origem na necessidade de se estabelecer *a priori* o princípio da própria indução, o que leva a cinco dificuldades:

- 1) O princípio da indução tem que ser uma afirmação universal;
- 2) Se o pesquisador tentar considerar sua verdade como conhecida da experiência, estará se baseando em observações específicas, não universais;
- 3) Para justificar tal princípio, é preciso usar a indução;
- 4) Para justificar essa indução, deve-se assumir um princípio indutivo de ordem maior;

- 5) Assim, tentar estabelecer o princípio da indução nos leva a uma regressão infinita.

Para Popper, estes problemas tornam difícil o uso da indução como método válido para a ciência, pois não permitem que seja fornecido um critério adequado de demarcação. Por outro lado, a dedução possibilita o atendimento a um dos pressupostos fundamentais da ciência, que é o teste crítico das teorias, processo que se dá em duas etapas, ainda segundo Popper:

- 1) De uma nova idéia, tiram-se conclusões derivadas por dedução, ainda que estas não estejam justificadas;
- 2) Comparam-se tais conclusões com outra e com outras afirmações relevantes de modo a encontrar relações lógicas entre elas.

Feitas essas observações, este artigo se dedicará a analisar as dissertações defendidas no Centro de Pós-graduação e Pesquisas em Administração (Cepead), no período de 1995 a 1999. O critério de análise é o da utilização da indução ou da dedução, conforme as características de cada um destes métodos, expostos no

Quadro 1. O artigo parte do princípio de que ambos são mutuamente excludentes, o que permite classificar uma dissertação que utiliza os dois como analiticamente ambígua. Quando a opção do autor for pela indução, considerar-se-á o trabalho problemático do ponto de vista científico, pelos motivos já expostos. De modo oposto, as dissertações que seguirem o método dedutivo serão consideradas cientificamente mais consistentes que suas congêneres.

Antes que a metodologia do trabalho seja detalhada, é necessário fazer um rápido histórico do Cepead.

O CEPEAD

O programa de pós-graduação em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) foi criado em dezembro de 1972 e tinha por objetivo a formação de recursos humanos para as diversas especialidades da área. Assim, as concentrações oferecidas seguiam os quatro campos funcionais básicos da Administração, ou seja, Administração Geral e Relações Industriais, Administração Financeira, Administração Mercadológica e Administração da Produção.

O Mestrado foi implantado em setembro de 1973, através de financiamento do Programa Nacional de Treinamento de Executivos (PNTE). Nos seus primeiros anos de atividade, o curso manteve um estreito relacionamento com a pós-graduação da Fundação Getúlio Vargas (EA-ESP), promovendo programas de capacitação de professores, cursos e seminários ministrados pela instituição paulista.

Com o desenvolvimento do programa, em 1982 a Pró-reitoria de Pós-graduação da UFMG aprovou e apoiou um projeto de reestruturação elaborado por um grupo de professores e alunos, levando o Curso de Mestrado em Administração da UFMG (CMA) a uma nova etapa, onde foi feita a opção pela área de concentração em Organização e Recursos Humanos. Em setembro de 1989, o CMA foi credenciado, oferecendo esta concentração. Todavia, no mesmo ano foi implantada a área de Mercadologia e Administração Estratégica, o que marcou um redirecionamento do CMA, que procurava atender às disponibilidades de qualificação de docentes, bem como à demanda social existente.

No final do ano de 1992, o Curso de Mestrado em Administração reviu sua estrutura curricular, atualizando o conteúdo programático com o intuito de colocá-lo em sintonia com as mudanças no campo da Administração. Neste mesmo período, o CMA decidiu ampliar suas atividades, a fim de que pudesse ser capaz de atuar tanto na pós-graduação lato como *stricto sensu*. Para isso, foi criado então o Centro de Pós-graduação e Pesquisas em Administração (Cepead). Dando continuidade à expansão do Centro, em 1994 foi criado o Curso de Especialização em Gestão Estratégica, responsável pela ministração de cursos de pós-graduação *lato sensu* voltados para profissionais de mercado. No que diz respeito ao Mestrado, em 1997 foi criada extra-oficialmente a terceira linha de pesquisa, Finanças e Contabilidade, que teve primeira dissertação defendida em junho de 1999. Finalmente, em 1995, o Cepead

criou o Curso de Doutorado em Administração, cujas primeiras teses foram defendidas no segundo semestre de 1999.

A METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa teve por objetivo analisar um conjunto de dissertações defendidas no Cepead no período de 1995 a 1999, observando se as mesmas optaram pelo método indutivo ou dedutivo. As teses produzidas no Centro não foram incluídas porque o programa de Doutorado ainda é muito recente, não contando, ainda, com um número significativo de trabalhos que possam atender aos objetivos desta pesquisa. Pela mesma razão, a primeira dissertação produzida na linha de Finanças e Contabilidade não foi considerada neste estudo.

Dado o grande número de dissertações defendidas no Centro, nos cinco anos compreendidos pela pesquisa, os autores optaram por trabalhar com uma amostra que fosse representativa dos trabalhos produzidos nas duas áreas de concentração oferecidas pelo curso de Mestrado, ou seja, Organização e Recursos Humanos e Mercadologia e Administração Estratégica. Para a extração da

amostra, foi feita uma relação de todas as dissertações defendidas no período estudado, constando o ano de defesa, título, nome do autor e área de concentração. Os trabalhos foram relacionados por ordem cronológica de defesa. A partir desta listagem, foi calculada a proporção de dissertações defendidas em cada área de concentração em cada ano, tomando-se como referência o número total de dissertações por ano. O resultado é apresentado na Tab. 2. Para permitir o cálculo do tamanho da amostra, o número total de dissertações defendidas por ano foi dividido por 3, que era o máximo divisor comum dos cinco anos considerados na pesquisa. Em seguida, foi calculado o número de dissertações que seriam consideradas em cada linha de pesquisa, em cada ano, tendo como base o resultado da referida divisão por 3 e as proporções especificadas na Tab. 2. Por questões de arredondamento, o tamanho da amostra não seguiu tais valores *ipsis literis*, conforme pode ser conferido na Tab. 3. No entanto, esta diferença não prejudicou o objetivo principal dos cálculos realizados, que era o de obter uma amostra proporcional o mais representativa possível de cada área de concentração.

Definido o número de dissertações a

Tabela 2
Dissertações defendidas no Cepead

Áreas	1995	%	1996	%	1997	%	1998	%	1999	%	Total
Organização e Recursos Humanos	8	53,3	10	55,6	15	62,5	5	33,3	10	47,6	48
Mercadologia e Administração Estratégica	7	46,7	8	44,4	9	37,5	10	66,7	11	52,4	45
Total	15	100,0	18	100,0	24	100,0	15	100,0	21	100,0	93

Tabela 3
Amostra de dissertações defendidas no Cepead

Linhas	1995	%	1996	%	1997	%	1998	%	1999	%	Total
Organização e Recursos Humanos	3	60,0	4	66,7	5	62,5	2	40,0	3	42,9	17
Mercadologia e Administração Estratégica	2	40,0	2	33,3	3	37,5	3	60,0	4	57,1	14
Total	5	100,0	6	100,0	8	100,0	5	100,0	7	100,0	31

serem consideradas, deu-se início à amostragem, classificada como aleatória sistemática estratificada, segundo terminologia de Cervo e Bervian (1983), Stevenson (1981) e Marconi e Lakatos (1996). Para isso, as dissertações da relação receberam um número seqüencial formado por dois algarismos. Assim, a primeira dissertação de 1995 foi identificada pelo número 01 e a última de 1999, pelo número 69. Em seguida, recorreu-se à tabela de números aleatórios reproduzida em Stevenson (1981, p. 165), onde foram considerados os dois primeiros algarismos dos números de cada célula da tabela, lidos no sentido de cima para baixo. Através deste procedimento, foram sendo escolhidas as dissertações a serem incluídas na pesquisa, obedecendo-se ao tamanho da amostra previamente determinado.

Na análise dos trabalhos selecionados, foram consideradas apenas as conclusões de seus autores, já que elas, por definição, devem ser uma exposição sintética sobre o que foi investigado, analisado e interpretado (Cervo e Bervian, 1983; Lakatos e Marconi, 1991, 1992; Marconi e Lakatos, 1996; França, 1998).

Obviamente, mesmo com esta justificativa, não se pode afirmar que o método adotado por um mestrando, na parte final da dissertação, esteve presente em todo o restante da sua pesquisa. Todavia, dada a importância da conclusão na estrutura de um trabalho científico, é crível que a ela se tenha dispensado uma especial atenção. Outra observação a ser feita é que, com vistas a uma simplificação da terminologia, ao longo do artigo foram utilizadas expressões mais genéricas, como “análise das dissertações”, para se referir, na verdade, ao estudo das conclusões dos trabalhos considerados na amostra.

Uma vez selecionados, os trabalhos foram lidos pelos autores e classificados em três categorias:

- 1) Indutivos: são trabalhos que utilizaram o método indutivo;
- 2) Dedutivos: dissertações claramente dedutivas;
- 3) Ambíguos: trabalhos que utilizaram tanto o método indutivo como o dedutivo.

A seguir, são apresentados e discutidos os resultados da pesquisa.

OS RESULTADOS DA PESQUISA

Os resultados da análise das dissertações, por ano de defesa, estão sintetizados na Tab. 4.

Em relação à linha de Organização e Recursos Humanos, a Tab. 4 mostra que as dissertações defendidas no Cepead foram predominantemente de caráter indutivo para quatro dos períodos considerados na pesquisa. As dissertações ambíguas não chegaram a dominar nenhum dos períodos, mas estiveram presentes em quatro deles. Já as dedutivas, estiveram ausentes em 1995 e 1999, empataram em número com as ambíguas em 1996 e 1997 e foram predominantes em 1998.

Na linha de Mercadologia e Administração Estratégica, pode-se observar que as dissertações indutivas foram mais numerosas que as demais em 1997 e 1999, empataram com as dedutivas em 1996, ficaram em segundo lugar na preferência dos mestrandos em 1998 e não estiveram presentes em 1995. Já as dedutivas apareceram somente em 1996 e 1999,

com a mesma frequência das indutivas no primeiro caso, e com a das ambíguas, no segundo. Estas, por sua vez, dominaram dois anos (1995 e 1998), ausentaram-se em 1996 e foram as segundas mais frequentes em 1997 e 1999.

Pelos dados da Tab. 4, é possível verificar que não existe uma relação significativa entre o ano de defesa e a classificação das dissertações, seja na linha de Organização e Recursos Humanos, seja na de Mercadologia e Administração Estratégica. Os três tipos – indutivos, dedutivos e ambíguas – alternam-se na preferência dos mestrandos em cada ano, sem que haja uma regularidade marcante.

Todavia, isto não significa que não tenha havido uma preferência entre os mestrandos. Este ponto fica mais claro através de um reagrupamento dos dados, conforme mostrado na Tab. 5.

Esta tabela evidencia que a amostra estudada na linha de Organização e Recursos Humanos é composta por dissertações majoritariamente indutivas, que correspondem a 52,9% do total da área, ou seja, uma participação superior às das

Tabela 4
Classificação das dissertações
(Por ano de defesa)

Linhas	1995			1996			1997			1998			1999		
	I	A	D	I	A	D	I	A	D	I	A	D	I	A	D
Organizações e Recursos Humanos	2	1	0	2	1	1	3	1	1	0	0	2	2	1	0
Total/Ano	3			4			5			2			3		
Mercadologia e Administração Estratégica	I	A	D	I	A	D	I	A	D	I	A	D	I	A	D
	0	2	0	1	0	1	2	1	0	1	2	0	2	1	1
Total/Ano	2			2			3			3			4		
Total da amostra	5			6			8			5			7		

Legenda:

I = indutivas; A = ambíguas; D = dedutivas

Tabela 5
Classificação das dissertações, segundo método utilizado
 (Por classificação)

Linhas	Indutivas	% da Área	Ambíguas	% da Área	Dedutivas	% da Área	Total
Organização e Recursos Humanos	9	52,9	4	23,5	4	23,5	17
Mercadologia e Administração Estratégica	6	42,9	6	42,9	2	14,3	14
Total	15	—	10	—	6	—	31

demais somadas. Por outro lado, as ambíguas e dedutivas dividem as preferências, obtendo, cada uma, uma participação de 23,5%.

No que se refere à linha de Mercado-logia e Administração Estratégica, os trabalhos de cunho indutivo novamente predominaram (42,9% do total), ainda que dividindo a colocação com os ambíguos. Por sinal, é interessante notar que estes ficaram em segundo lugar na preferência dos mestrandos, em ambas as linhas de pesquisa.

A Tab. 5 mostra ainda que a orientação dedutiva não despertou muito entusiasmo entre os mestrandos do Cepead, ainda que ela seja a mais adequada para a ciência, segundo o exposto anteriormente neste artigo. Fica evidenciada, portanto, uma clara opção pelos trabalhos de cunho indutivo e, em menor escala, pelos ambíguos.

CONCLUSÃO

A revisão da literatura em Administração evidencia que a área hoje é marcada pela presença de uma verdadeira

“torre de Babel”, ou seja, pela existência de múltiplos paradigmas e abordagens muitas vezes contraditórios e mutuamente excludentes, mas que não raramente são utilizados como se formassem um corpo analítico homogêneo.

As conversações, isto é, as inter-relações regionais, culturais e de interpretação somam mais ganhos do que perdas ao desenvolvimento da ciência quando são respeitados alguns limites que envolvem escolhas epistemológicas, teóricas e metodológicas. Ou seja, é indispensável *conversar* como também é fundamental o rigor científico. Realizar pesquisas acadêmicas não se restringe em fazer indagações.

Evidentemente, a própria dificuldade em lidar com “tipos ideais” nos estudos organizacionais, explica em parte a confusão e fragmentação nestes estudos. Mesmo assim, a Administração, como ciência, não pode abrir mão da possibilidade de conhecimento racional, bem como da construção de leis gerais de processos sociais ou da busca por predições relativamente acertadas. Neste sentido, é preciso rejeitar, a todo custo, o denominado relativismo radical, no qual to-

das as abordagens são consideradas válidas e consistentes entre si. Fragmentação do campo não é licença para se produzir uma ciência caleidoscópica e mal costurada.

O universo pesquisado, dissertações defendidas entre 1990 e 1999 no Cepead/UFMG, é composto por 93 trabalhos, sendo que a amostra contemplada foi de 33% deste total. Dentre as dissertações analisadas cerca de 55% referem-se à área de Organização e Recursos Humanos, e 45% à linha Mercadologia e Administração Estratégica. Para a amostra analisada, as dissertações são predominantemente indutivas: 52,9% e 42,9% respectivamente para as duas linhas de pesquisa acima assinaladas o que mostra que os mestrandos relegaram o método dedutivo a segundo plano.

No entanto, talvez o dado mais problemático, neste estudo, tenha sido a fragmentação metodológica refletida no alto percentual de dissertações classifi-

cadas como ambíguas: 23,5% para a linha de Organização e Recursos Humanos, e 42,9% para Mercadologia e Administração Estratégica.

No que se refere à produção de dissertações pelo Cepead, foram encontrados trabalhos falhos, que reproduzem a fragmentação do campo e prejudicam a construção de uma ciência mais consistente.

Finalmente, é possível concluir que, sob a luz das categorias indução e dedução, e considerando a amostra analisada, entendemos ser indispensável para a melhoria da qualidade das dissertação de Mestrado, no âmbito do Cepead/UFMG, sejam enfatizadas as questões inerentes ao rigor científico, dentre elas o respeito aos limites que envolvem escolhas epistemológicas, teóricas e metodológicas, pois realizar pesquisas acadêmicas não pode se restringir em fazer junções e colagens.

ABSTRACT

This paper's main goal is to broaden the scope of the discussions concerning the scientific production in business administration. More specifically, it advocates the need of including an extra criterion of evaluation: the contraposition between the deductive and the inductive methods. In doing so the paper first focus on a review about some aspects related to the epistemology and scientific method considering the business administration field. Then it presents a research made in the Centro de Pós-graduação e Pesquisas em Administração (Cepead), where a sample of 31 theses was analyzed and classified among three categories: inductive, deductive and ambiguous. The results show that the theses considered are mainly inductive, revealing a close connection with the positivistic approach. Besides that, is it clear that many of them present a significant methodological fragmentation evidenced by the use of both inductive and deductive method.

Key words: Paradigms; Induction; Deduction; Ambiguity; Quality.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEXANDER, Jeffrey C. O novo movimento teórico. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 2, n. 4, p. 5-28, jun. 1987.
- ALVESSON, Mats; DEETZ, Stanley. Teoria crítica e abordagens pós-modernas para estudos organizacionais. In: CLEGG, Stewart R, HARDY, Cynthia, NORD, Walter R. **Handbook de estudos organizacionais**. São Paulo: Atlas, 1998. v. 1, p. 227-266.
- BERTERO, Carlos Osmar; CALDAS, Miguel P.; WOOD JR., Thomas. Produção científica em administração de empresas: provocações, inovações e contribuições para um debate local. **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 147-178. jan./abr. 1999.
- BRUYNE, Paul de; HERMAN, Jacques; SCHOUTHEETE, Marc de. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- BURREL, Gibson. Ciência normal, paradigmas, metáforas, discursos e genealogia da análise. In: CLEGG, Stewart R.; HARDY, Cynthia; NORD, Walter R. **Handbook de estudos organizacionais**. São Paulo: Atlas, 1998. v. 1, p. 439-462.
- BURREL, Gibson; MORGAN, Gareth. **Sociological paradigms and organizational analysis**. London: Heinemann, 1979.
- CABRAL, Augusto César de Aquino. Reflexões sobre a pesquisa nos estudos organizacionais: em busca da superação da supremacia dos enfoques positivistas. In: ENCONTRO DA ANPAD, 22, 1998. **Anais... ANPAD**, 1998. p. 1-13. [CD-ROM].
- CAMPOMAR, Marcos Cortez. Do uso de “estudo de caso” em pesquisas para dissertações e teses em Administração. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 26, n. 3, 1991.
- CLEGG, S. Review of Burrell and Morgan. **Organization Studies**, London, v. 3, n. 4, 1982.
- CLEGG, S. R.; HARDY, C. Introduction: organizations, organization and organizaing. In: CLEGG, S.; HARDY, C.; NORD, W. (Ed.). **Handbook of organization studies**. London: Sage, 1996.
- CHILD, John. Strategic choice in the analysis of action, structure, organizations and environment: retrospect and prospect. **Organization Studies**, London, n. 18, v. 1, p. 43-76, 1997.
- DONALDSON, Lex. **In defense of organizational theory**. Cambridge: Cambrigde University, Press, 1985.
- GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, 1995.
- GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, 1995.
- HEMPEL, Carl G. **Filosofia da ciência natural**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- KUHN, T. S. **The structure of scientific revolutions**. Chicago: University of Chicago Press, 1962.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: Altas, 1991. Cap. 4: Métodos Científicos
- PEREIRA, Júlio César Rodrigues. **Análise de dados qualitativos**. São Paulo: Edusp, 1999. 156p.
- POPPER, Karl. **The logic of scientific discovery**. New York: Basic Books, 1961.

POPPER, Karl. **Conhecimento objetivo**: uma abordagem evolucionária. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

REED, Michael. Teorização organizacional: um campo historicamente contestado. In: CLEGG, Stewart R.; HARDY, Cynthia; NORD, Walter R. **Handbook de estudos organizacionais**. São Paulo: Atlas, 1998. v. 1, p. 61-98.

RODRIGUES, Suzana Braga, SÁ, Raquel. Estrutura organizacional brasileira: aplicação do modelo de Aston e implicações metodológicas. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, out./dez., 1984.

SALMON, Wesley C. **Lógica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

STEVENSON, William J. **Estatística aplicada à administração**. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1981.

STABLEIN, Ralph. Data in organization studies. In: CLEGG, Stewart; HARDY, C.; NORD, D. (Ed.). **Handbook of organization studies**. London: Sage, 1996.

ZEITLIN, Irving M. **Ideologia y teoría sociológica**. 2. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 1973.